

DEPENDÊNCIA E DESEQUILÍBRIOS ENTRE MONTES CLAROS E AS CIDADES DE PEQUENO PORTE DO NORTE DE MINAS GERAIS: EMPRESAS E FORÇA DE TRABALHO¹

Raíssa Cota Pales²
Eduardo Antônio Salomão Condé³

Aprovado em: 18/10/2022

Resumo: O processo de desconcentração do desenvolvimento nas grandes cidades, iniciado na década de 1970, culminou numa reconcentração em direção às cidades médias-polo. Nesse contexto, várias cidades médias mineiras gozaram de incentivos políticos para sua consolidação como polos de desenvolvimento regional, destacadamente Montes Claros (Norte de Minas Gerais). O esforço principal deste trabalho é analisar e compreender os efeitos do processo de concentração do desenvolvimento em Montes Claros provenientes da reorganização da produção na década de 1970 e, particularmente, a partir da década de 1990, com foco no papel do Estado, verificando os desdobramentos, positivos e negativos, da polarização do desenvolvimento. Nesse sentido, a intenção foi de mapear o quadro referente ao potencial econômico, mostrando como o processo de reconcentração do desenvolvimento em cidades médias, se por um lado desconcentrou o desenvolvimento das grandes metrópoles, por outro, restringiu o desenvolvimento às cidades médias, deixando os habitantes das cidades de pequeno porte, via de regra, dependentes da infraestrutura da cidade média.

Palavras-chave: Cidade média-polo. Desenvolvimento regional. Desconcentração. Polarização. Estado. Montes Claros.

DEPENDENCE AND IMBALANCES BETWEEN MONTES CLAROS AND SMALL CITIES IN THE NORTH OF MINAS GERAIS: COMPANIES AND THE WORKFORCE

Abstract: The process of decreased development in large cities, which it has been started in the 1970s, culminated in a reconcentration towards the pole cities. Therefore, several medium-sized cities from Minas Gerais used political incentives for their regional development policy, outstandingly Montes Claros (Norte de Minas). The main effort of this work is to analyze and understand the effects of the process of concentration of development in Montes Claros arising from the reorganization of production in the 1970s and, particularly, from the 1990s, focusing on the role of the State, verifying the consequences, positive and negative, of

¹ Este trabalho é um extrato da tese de doutorado intitulada “Da desconcentração à reconcentração: a polarização do desenvolvimento nas cidades médias mineiras – um estudo de caso do norte de Minas. Raíssa Cota Pales. UFJF. 2021.

² Secretaria Estadual de Educação. ORCID: 0000-0001-7602-041X. E-mail: raissa.pales@educacao.mg.gov.br.

³ Universidade Federal de Juiz de Fora. ORCID: 0000-0002-9770-4631. E-mail: eduardosconde@gmail.com.

the polarization of development. The effort was to map the picture referring to the economic potential, showing how the process of re-concentration of development in medium-sized cities, on the one hand, decentralized the development of large metropolises, on the other hand, restricted development to medium-sized cities, leaving the inhabitants of the cities small, as a rule, dependent on the infrastructure of the medium city.

Keywords: Medium-size city. Regional development. Decreased. Polarization. State. Montes Claros.

DEPENDENCIA Y DESEQUILIBRIO ENTRE MONTES CLAROS Y PEQUEÑAS CIUDADES DEL NORTE DE MINAS GERAIS: EMPRESAS Y FUERZA DE TRABAJO

Resumen: El proceso de desconcentración del desarrollo en las grandes ciudades, iniciado en la década de 1970, culminó en una reconcentración hacia las ciudades de polos medianos. En este contexto, varias ciudades medianas de Minas gozaron de incentivos políticos para su consolidación como polos de desarrollo regional, en particular Montes Claros (Norte de Minas). El principal esfuerzo de este trabajo es analizar y comprender los efectos del proceso de concentración del desarrollo en Montes Claros a partir de la reorganización de la producción en la década de 1970 y, particularmente, a partir de la década de 1990, centrándose en el papel del Estado, verificando la consecuencias, positivas y negativas, de la polarización del desarrollo. El esfuerzo fue mapear el cuadro referido al potencial económico, mostrando cómo el proceso de reconcentración del desarrollo en ciudades medianas, por un lado, descentralizó el desarrollo de las grandes metrópolis, por otro lado, restringió el desarrollo a medianas ciudades de tamaño mediano, dejando a los habitantes de las ciudades pequeñas, por regla general, dependientes de la infraestructura de la ciudad mediana.

Palavras-clave: Ciudad de Mid-Polo. Desarrollo regional. desconcentración Polarización. Estado. Montes Claros.

INTRODUÇÃO

No transcurso do século XX, as ações do Estado para dinamizar a economia de Minas Gerais foram expressivas. No entanto, embora com iniciativas específicas para cada região, tais ações culminaram num descompasso entre as macrorregiões do estado. Dessa forma, as desigualdades regionais em Minas foram (e, em certa medida, ainda são) o reflexo das estratégias governamentais. Conforme observou Dulci (1999, p. 239), “o fenômeno do desenvolvimento desigual é inerentemente político e, para enfrentá-lo com eficácia, são necessários instrumentos políticos”. Para darmos conta das dinâmicas do desenvolvimento no cenário mineiro como um todo é necessária a compreensão das partes. As diferenças regionais devem ser compreendidas separadamente, pois somente assim será possível entender o conjunto e sua dinâmica, possibilitando a abertura de diferentes trincheiras de enfrentamento para os graves problemas socioeconômicos do estado.

No exercício de investigação do desenvolvimento regional de Minas Gerais observa-se que, comumente, a dinâmica regional está fortemente ligada ao desempenho socioeconômico das cidades médias, que funcionam como polos de desenvolvimento atraindo investimentos e influenciando as cidades do seu entorno. Quando nosso olhar se volta ao interior dessas macrorregiões florescem, como ponto de análise, as cidades polarizadoras de desenvolvimento. E é justamente por este viés que o presente artigo pretendeu se enveredar. Este trabalho toma como objeto de análise os processos de polarização do desenvolvimento nas cidades médias mineiras e suas implicações para a dinâmica do desenvolvimento regional.

Este trabalho trata da dependência dos habitantes das cidades de pequeno porte do Norte de Minas em relação à infraestrutura econômica de Montes Claros, cidade média-polo da região. Aborda também as consequências desses desequilíbrios, analisando as implicações, negativas e positivas, sociais, econômicas e políticas desse processo que levou a concentrar o desenvolvimento na cidade de Montes Claros e que deixou as demais cidades demasiadamente dependentes.

O esforço foi de mapear o quadro referente ao potencial econômico, mostrando como o processo de reconcentração do desenvolvimento em cidades médias, se por um lado desconcentrou o desenvolvimento das grandes metrópoles, por outro, restringiu o desenvolvimento às cidades médias, deixando os habitantes das cidades de pequeno porte, via de regra, dependentes da infraestrutura da cidade média.

Vale ressaltar que, pela amplitude de municípios (o Norte de Minas possui 89 municípios), foi necessário selecionar uma amostra. Nossas análises serão restritas às cidades de Janaúba, Januária, Salinas, Pirapora, Grão Mogol, Bocaiúva e, claro, Montes Claros. Elas foram abraçadas pelo estudo por serem aquelas que possuem os melhores indicadores socioeconômicos da região norte e por serem polos microrregionais.

CIDADES MÉDIAS NO DEBATE REGIONAL

A discussão sobre cidades médias-polo é fundamental ao explorar a questão do desenvolvimento regional. O debate em torno das cidades médias surgiu na década de 1950 e se intensificou na década de 1960 na Europa Ocidental, principalmente na

França, devido a alguns problemas enfrentados naquele momento. Tais problemas eram, essencialmente, de ordem geográfica, social e econômica. São eles: (1) o agravamento dos desequilíbrios regionais em países europeus, (2) a piora na qualidade de vida nos grandes centros urbanos, bem como a intensificação dos problemas sociais e (3) a fragilidade do fluxo de informações e das relações socioeconômicas nas cidades de grande porte na maior parte dos países do mundo, interferindo na política e na economia. (AMORIM FILHO; RIGOTTI, 2002).

A América Latina também enfrentava tais desafios e, logo, essa nova estratégia de desconcentrar o desenvolvimento dos grandes centros em direção às cidades médias foi difundida entre os seus países, inclusive o Brasil. Por aqui, esse movimento ganhou força na década de 1970 e foi um processo construído por estratégias políticas visando à desconcentração da atividade econômica e da densidade populacional nas grandes capitais⁴. Atualmente, apesar de não ser apropriado associar o dinamismo econômico e populacional das cidades médias unicamente às ações do governo federal e estadual na década de 1970, é correto afirmar que a maximização do crescimento dessas cidades atendeu aos objetivos de desconcentração da riqueza almejados naquele momento. (SERRA, 1999).

Segundo Serra, os objetivos que levaram as cidades médias ao patamar social, econômico e demográfico em que hoje se encontram foram:

1. O crescimento das cidades médias era visto como positivo – e até certo ponto emergencial – para a desaceleração do ritmo de crescimento das metrópoles nacionais e regionais;
2. Para além das intenções de atenuar o crescimento das regiões metropolitanas, os investimentos nas cidades médias eram vistos como fundamentais para a distribuição espacial da riqueza nacional. Uma distribuição que, calçada em centros urbanos dotados dos fatores necessários ao desenvolvimento eficiente de atividades dinâmicas, possibilitaria convergir os interesses de equidade distributiva e manutenção de um ritmo de crescimento econômico acelerado;
3. O crescimento e multiplicação das cidades médias também podem ser lidos como respostas aos objetivos de ocupação territorial. As cidades médias, funcionando como pólos dinamizadores regionais, possibilitariam também a convergência dos interesses em integrar o território e ocupar as fronteiras nacionais. (SERRA, 1999, p. 01).

⁴ O próximo tópico aprofundará nesta discussão.

Tais objetivos foram influenciados, em parte, pela tese da reversão da polarização, divulgada amplamente por Richardson (1980) na década de 1970, e que defendia a ideia de que os países em desenvolvimento tenderiam, naturalmente, a uma desconcentração da atividade econômica das grandes metrópoles em direção às cidades médias. Esse seria um processo natural na medida em que fossem percebidos os altos custos sociais das grandes metrópoles, como o tempo perdido nos congestionamentos, a poluição e os altos custos do setor imobiliário (SERRA, 1999). Na esteira deste debate, Hirschman defende que

[...] a necessidade da emergência de pontos de desenvolvimento ou pólos de desenvolvimento, no curso do processo desenvolvimentista, indica que a desigualdade internacional e inter-regional do crescimento é condição concomitante e inevitável do próprio desenvolvimento. (HIRSCHMAN 1961, p. 276).

Nesse contexto, durante a década de 1970, já era possível vislumbrar algumas mudanças no setor industrial. Porém, foi nos anos de 1990 que ocorreram transformações mais significativas na produção industrial no Brasil via cidades médias, consequência da estratégia de desconcentração implantada pelo Estado. (STEINBERGER e BRUNA, 2001).

MONTES CLAROS

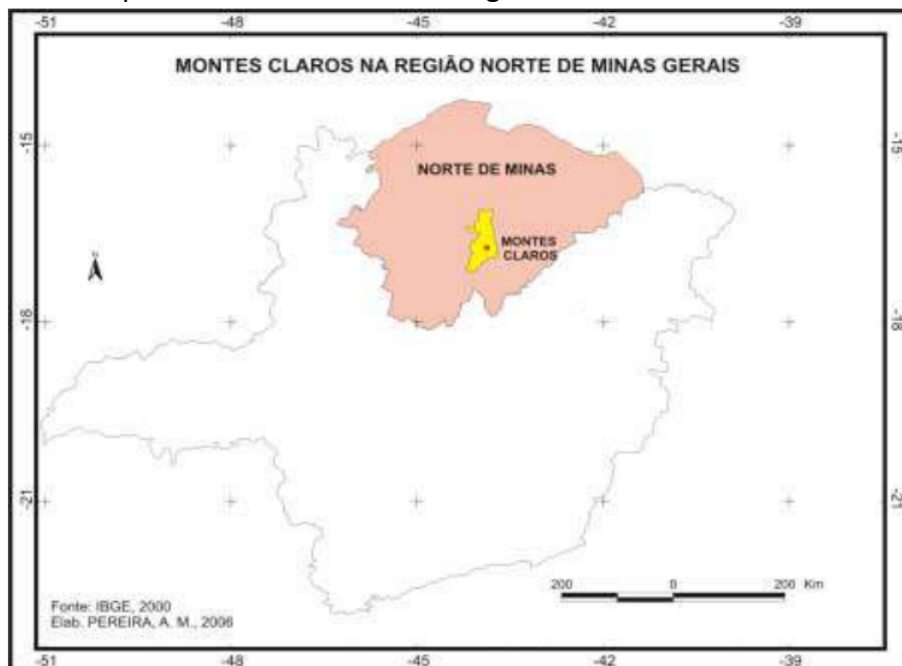
Montes Claros

*Deus te salve, Montes Claros,
Deus te ajude
no progresso,
no crescimento,
na poesia,
na seresta,
na alegria da hospitalidade,
que é a tua maior virtude.
És humana,
tens beleza,
sabes amar,
sabes sofrer, sabes esperar
por um futuro melhor.
Querida, admirada*

*e nunca esquecida,
és um lugar que marca saudade
no mais duro coração.
A tua luz, Montes Claros,
é vigor e é ternura,
como terno é o entardecer.
Na verdade, Montes Claros,
na verdade,
tu não é apenas uma cidade,
és uma declaração de amor!*

Wanderlino Arruda

Mapa 01 – Montes Claros na região Norte de Minas Gerais



Fonte: PEREIRA, 2008.

Montes Claros, situada no norte de Minas Gerais, teve seu desenvolvimento inicial marcado pela produção de gado. Até 1857 a futura cidade de Montes Claros funcionou como Vila e nesse ano se elevou à condição de município. Até meados do século XX, a principal atividade na região era a produção de gado, não sendo contudo a primeira, que surgiu por demanda da atividade mineradora e canavieira estabelecida na própria região e no Vale do Jequitinhonha e Mucuri. A carne de gado abastecia o contingente de escravos que se aglomeravam no Norte de Minas, por ocasião da atividade canavieira e mineradora e, no Vale do Jequitinhonha, em decorrência da atividade mineradora. Resultante dessas atividades econômicas, o comércio nos séculos XVIII e XIX foi se intensificando paralelamente, pois Montes Claros situava-se

em um ponto estratégico por onde passavam muitos viajantes: tropeiros, boiadeiros e negociantes. A carne de gado era o principal gênero alimentício comercializado. Outra atividade que se destacou logo em seguida à criação de gado foi a do algodão. O desenvolvimento dessa atividade na região, no final do século XVIII, possibilitou o surgimento das primeiras indústrias têxteis em Montes Claros no século XIX (RELATÓRIO DE PESQUISA, 2016, s. p.).

O aumento da população de Minas Gerais nesse período (conforme tabela 5 abaixo) contribuiu para expandir o mercado consumidor de tecidos e, conseqüentemente, as indústrias têxteis em Montes Claros.

Tabela 5 – População do Brasil e de Minas Gerais – 1800-1900

Ano	Brasil	Minas Gerais	% de MG
1800	3.250.000	400.000	12,3
1850	7.234.000	950.000	13,1
1872	9.930.000	2.039.000	20,3
1890	14.334.000	3.184.000	22,3
1900	17.438.000	3.594.000	20,6

Fonte: IBGE, recenseamentos, s. d.

A chegada da ferrovia no município, em 1926, foi decisiva para o desenvolvimento da cidade, facilitando sua conexão com regiões dinâmicas do Sudeste, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Mais tarde, ao concluir a ligação com Salvador, a cidade se transformou em um dos principais pontos de ligação entre o Nordeste e o Sudeste, ganhando grande relevância no cenário nacional. (RELATÓRIO DE PESQUISA, 2016).

A chegada da ferrovia a Montes Claros se deu graças, dentre outros fatores, à presença de um membro da parentela “Chaves, Prates e Sá”⁵ no Ministério da Viação e Obras Públicas. Esse acontecimento mudou significativamente o cenário arquitetônico, político e econômico da cidade. O progresso tornou-se mais intenso e o vigor do coronelismo, ainda presente, foi se tornando cada vez mais frágil frente às

⁵ Ao analisarmos especificamente o caso da cidade de Montes Claros, nos deparamos com dois grupos de parentela que, embora ramificados por toda a região, detinham na cidade a residência de seus principais chefes. Ambos os grupos usufruíram politicamente do relativo isolamento a que a pequena cidade estava submetida até o ano de 1926, data da chegada da ferrovia. No entanto, também foram grandes incentivadores do progresso econômico regional. (FIGUEIREDO, 2014, p. 3).

possibilidades político-administrativas que a chegada da ferrovia proporcionou. Montes Claros, que até então era essencialmente agrária, convivia, de um lado, com o domínio de uma elite agrária que muitas vezes se colocava no lugar do Estado, através da troca de favores com a população mais pobre. Por outro lado, ganhou uma configuração mais universal devido à sua posição de entreposto entre duas importantes regiões do país, característica típica das grandes capitais. (FIGUEIREDO, 2014).

A década de 1960 se configurou como uma época de transição, ou seja, período de preparação dos municípios para se adequarem e, enfim, receberem os incentivos da Superintendência. Os grandes projetos se instalaram de fato na região somente a partir da década de 1970. No final da década de 1970, o cenário substancialmente agrário começou a mudar. Com incentivos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, foi instalado em Montes Claros um parque industrial significativo e diversificado, atraindo profissionais das cidades do entorno para trabalhos manuais e profissionais especializados das diversas regiões do país, inclusive do exterior (RELATÓRIO DE PESQUISA, 2016). A criação da SUDENE, na década de 1950, que também englobou o Norte de Minas, por conta do esforço contundente das lideranças e políticos locais, contribuiu decisivamente para a modernização da atividade pecuária e da agricultura, através de grandes projetos de irrigação e também para a industrialização de alguns municípios.

A SUDENE criou uma abrangência específica para sua atuação. Conforme relata Oliveira,

[p]ara o IBGE, em 1959, o Nordeste não incluía os Estados da Bahia, de Sergipe e de Minas Gerais, pois esses estavam inseridos na Região Leste. No entanto, ao definir sua área de atuação, a SUDENE cria um conceito próprio de Nordeste, reafirmando a concepção de uma região de planejamento: O Nordeste seria composto de nove Estados e mais a Região Mineira do Polígono das Secas. Estavam então, a partir daí, praticamente definidas as fronteiras do Nordeste Legal (legal para efeito das políticas públicas). (OLIVEIRA, 2000, p. 01).

Nesse contexto, a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF, outra agência de desenvolvimento criada para auxiliar no desenvolvimento regional, também atuou com a implantação de grandes projetos de

irrigação. A SUDENE e a CODEVASF viabilizaram políticas de incentivos fiscais e financeiros para a promoção da atividade econômica, principalmente nos setores agroindustrial de reflorestamento e irrigação. (PAULA, *et al*, 2006).

Tais políticas propiciaram a modernização tecnológica na agricultura, na indústria e também aumentaram a oferta de serviços públicos. Nesse contexto, Montes Claros foi a grande beneficiada dos projetos da SUDENE no Norte de Minas, já que,

[...] de 1964, época do primeiro projeto aprovado, até o final de 1979, a maioria dos projetos foram concentrados em Montes Claros (54,8%), Pirapora (25,8%), Várzea da Palma (13%) e Bocaiuva (3,2%), restando a todos os outros municípios da região apenas 3,2% dos projetos. (SINDEAUX; FERREIRA, 2012, p. 08).

Ainda que a proposta inicial da SUDENE fosse desenvolver áreas historicamente com a economia com menor desenvolvimento, como o Nordeste e o Norte de Minas, ela replicou a lógica do Estado: investir em áreas mais dinâmicas⁶. Não foi por acaso que a Superintendência, nas décadas iniciais de sua atuação, privilegiou Montes Claros (principalmente) e Pirapora. Essas duas cidades possuíam dinâmicas e infraestrutura superiores frente aos outros municípios do Norte de Minas. Conforme Telles,

[o] processo de crescimento econômico regional já nasceu dependente do financiamento estatal que privilegiava as áreas onde já existiam pré-condições de se consolidar o capitalismo industrial. Tal situação torna então compreensível o fato de as cidades mais bem-estruturadas do Norte de Minas, como Pirapora e Montes Claros, receberem um maior nível de investimento. (TELLES, 2006, p. 23).

Em Montes Claros, assim como nos outros municípios, os projetos implantados pela SUDENE se concentraram, em maior número, na indústria. Os dados a seguir destacam a redução da população economicamente ativa em Montes Claros, nos anos de 1960, 1970 e 1980, no setor primário, em contrapartida ao crescimento nos setores secundário e terciário, em parte, reflexo dos projetos implementados pela SUDENE.

⁶ Nesta seção serão apresentadas informações que comprovam a superioridade da dinâmica socioeconômica de Montes Claros frente aos demais municípios norte-mineiros.

Tabela 6 – População Economicamente Ativa – Município de Montes Claros – Décadas de 1960 – 1970 – 1980

Década	Setor Primário	Setor Secundário	Setor terciário
1960	26.297	2.462	10.606
1960 (%)	66,8	6,25	26,95
1970	12.123	5.696	18.106
1970 (%)	33,74	15,86	50,4
1980	8.810	16.465	34.045
1980 (%)	14,85	27,75	57,4

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1960, 1970 e 1980 – Minas Gerais.
In: MOURA; MONOLESCO, 2004.

A população economicamente ativa no setor primário passou de mais de 25 mil, em 1960, para menos de 10 mil em 1980. Em compensação, o setor secundário, que ocupava 2.462 pessoas em 1960, teve esse número aumentado, em 1980, para 16.465. A população economicamente ativa no setor terciário também aumentou significativamente, saltando de 10.606 para quase 35 mil.

Apesar de esses números revelarem o crescimento da industrialização no Norte de Minas, não se pode deixar de chamar atenção para o fato de que não levou em conta o potencial já estabelecido na região. Pereira (2004) salienta que, devido a esse caráter exógeno, a industrialização via SUDENE teve pouco aproveitamento da matéria-prima da região, da mão de obra local e uma intensa comercialização dos produtos confeccionados nas indústrias em outras regiões, em detrimento do Norte de Minas.

Na segunda metade do século XX, a configuração política também foi se transformando. O poder concentrado nas mãos da elite agrária foi dando lugar, pouco a pouco, ao protagonismo de grupos de profissionais liberais engajados na luta contra a ditadura militar, e mais preocupados em reverter o quadro de pobreza que tinha se estruturado na cidade devido à massa de população rural, que migrou para a cidade, expulsa do campo em busca de melhores condições e não encontrou um cenário tão propício quanto o esperado. Junto a isso, ainda houve o descaso da elite agrária que dominou a cidade por tanto tempo. (RELATÓRIO DE PESQUISA, 2016).

Esse novo cenário político contribuiu para que Montes Claros superasse a agropecuária como força econômica e, paulatinamente, os setores de serviço e comércio se destacassem como atividade econômica principal:

Sua tradição de entreposto comercial continua em evidência, hoje através das multinacionais que monopolizam o comércio de alimentos e demais gêneros de primeira necessidade. De exportador de alimentos até os anos 80 do século passado, o Norte de Minas se transformou em importador de alimentos. E estes são distribuídos a partir de Montes Claros para toda a região (RELATÓRIO DE PESQUISA, 2016).

O comércio da cidade é bastante movimentado e diversificado. Em Montes Claros encontram-se instaladas algumas das principais lojas de amplitude nacional como Americanas, Magazine Luiza, Havan, Ponto Frio, Casas Bahia, Eletrossom, dentre outros.

Tabela 7 – Número de empresas por setor da economia em Montes Claros, 2018

Setores	Nº de estabelecimentos
Indústria	1013
Construção Civil	1090
Comércio	6323
Serviços	7872
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	810

Fonte: MTE – CAGED, 2018.

Montes Claros possuía, em 2018, área equivalente a 3.568,941 km², uma população de 361.915 habitantes (segundo o censo demográfico de 2010) e densidade demográfica de 101,41 hab./km².⁷

O PIB *per capita*⁸ de Montes Claros é de R\$ 21.943,89 se destacando no Norte de Minas, região onde o valor da maioria dos municípios não ultrapassa a dez mil reais. Esse município polariza a produção nos diversos setores de atividade que compõem o cálculo do PIB: serviços, indústria, administração pública e agropecuária. No setor

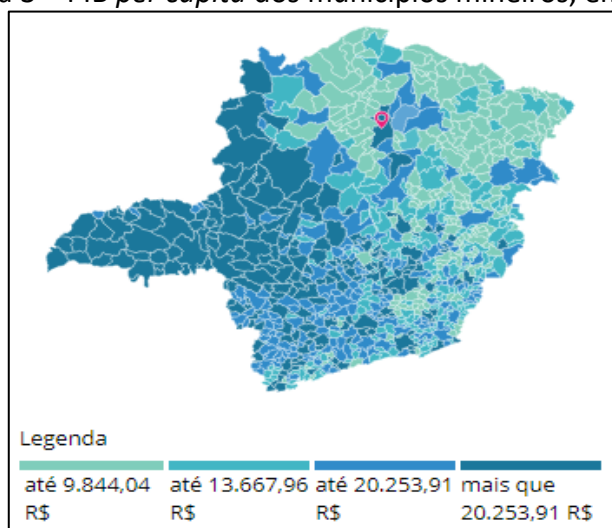
⁷ Disponível em: cidades.ibge.gov.br.

⁸ O Produto Interno Bruto (PIB) é a soma de todos os bens de um país, região ou, neste caso, de um município. O PIB *per capita* é o produto interno bruto dividido pela quantidade de habitantes de um país, município ou região. Para o cálculo do PIB são considerados apenas bens e serviços finais. Apesar de o PIB, pensado isoladamente, não ser suficiente para medir o desenvolvimento de uma região, ele é fundamental para avaliar o grau de desenvolvimento econômico e a riqueza gerada em um determinado território.

industrial, por exemplo, todos os investimentos feitos por uma empresa contabilizam no valor final do PIB. As empresas, ao adquirir equipamentos, aumentando o número de trabalhadores e expandindo suas atividades, movimentam a economia. O município tem atraído, nos últimos anos, indústrias que deixaram os grandes centros; exemplo ilustrativo é a “Havaianas”. Outras duas grandes indústrias do município são a Vallée (produtos agropecuários) e a Novo Nordisk (produtos farmacêuticos).

O PIB de Montes Claros é bastante representativo, quando observado em relação aos outros municípios, e ainda em relação à representação no Norte de Minas. Porém, quando analisado no contexto estadual, o PIB do município representa pouco mais de 1%. Somado a isso, o PIB *per capita* de Montes Claros é inferior ao das outras cidades médias-polo do estado: Juiz de Fora é um pouco maior, R\$ 25.968,58, e o de Uberlândia é de R\$ 48.585,36.⁹ Segue figura que sintetiza a proeminência de Montes Claros no cenário regional deixando evidentes as desigualdades regionais em Minas Gerais. Aborda também a discrepância do Norte de Minas no contexto estadual.

Figura 3 – PIB *per capita* dos municípios mineiros, em 2018



Fonte: www.atlasbrasil.org.br.

Diante dessa discussão, o salário médio mensal dos trabalhadores formais, em 2016, chegava a 2,1 salários mínimos, valor baixo se comparado ao conjunto dos municípios mineiros, mas um dos mais altos do Norte de Minas Gerais; 24% da população encontrava-se ocupada nesse ano.

⁹ Valores de 2016. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br.

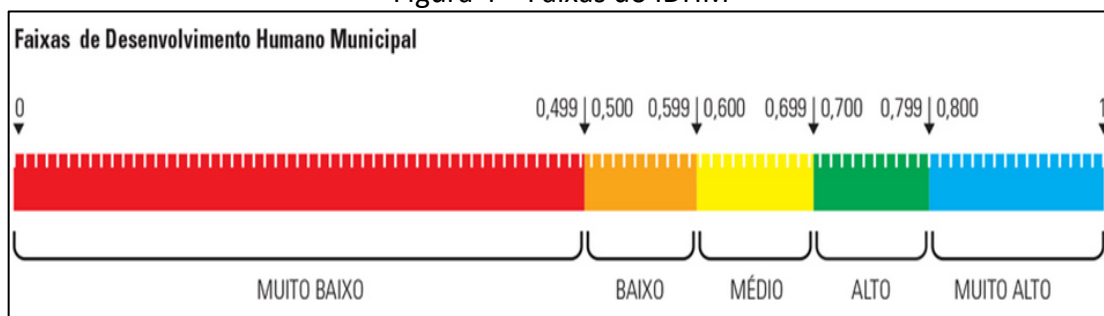
Tabela 8 – Trabalho e Rendimento em Montes Claros

Salário médio mensal dos trabalhadores formais [2016]	2,1 salários mínimos
Pessoal ocupado [2016]	95.487 pessoas
População ocupada [2016]	24,0 %
Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo [2010]	36,4 %

Fonte: IBGE cidades, s. d.

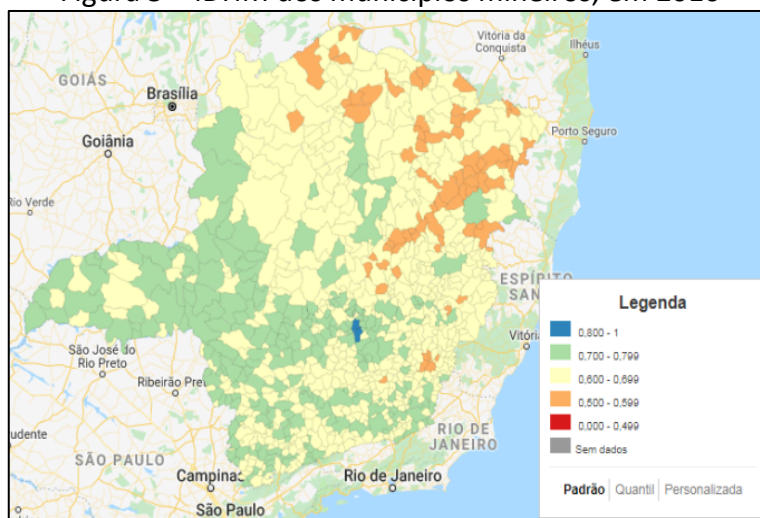
Outro indicador importante é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), conforme figura abaixo¹⁰.

Figura 4 – Faixas do IDHM



Fonte: www.pnud.org.br.

Figura 5 – IDHM dos municípios mineiros, em 2010



Fonte: www.atlasbrasil.org.br.

¹⁰ Leva em consideração três dimensões: educação, renda e longevidade. O IDH vai de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (pleno desenvolvimento humano) e é segmentado em cinco faixas, que vão de “muito baixo” desenvolvimento humano a “muito alto” desenvolvimento humano.

Aqui, chama-nos atenção, mais uma vez, a diferença entre as regiões do estado. A maioria dos municípios que possuem IDH baixo, ou seja, até 0,599, encontram-se no Norte de Minas. Há também uma grande quantidade de municípios nesta região com IDH médio e são poucos os municípios norte-mineiros que possuem alto IDH. Montes Claros se destaca no cenário regional. São poucos os municípios da região que possuíam, em 2010, alto IDH. Dentre eles, o IDH de Montes Claros é o mais alto, 0,770. É sabido que, para calcular o IDH, são considerados dois indicadores indiretos de desenvolvimento (longevidade e educação) e um indicador econômico (renda). O quadro a seguir estabelece os aspectos considerados nesses indicadores:

Quadro 2 – Indicadores do IDHM

	LONGEVIDADE	EDUCAÇÃO		RENDA
		População Adulta	População Jovem	
IDHM Brasil	Esperança de vida ao nascer	18+ com fundamental completo	5-6 na escola 11-13 nos anos finais do fundamental 15-17 com fundamental completo 18-20 com médio completo	Renda mensal per capita (em R\$ ago/2010)
IDH Global	Esperança de vida ao nascer	Média de anos de estudo de 25+	Anos Esperados de Estudos	Renda Média Nacional per capita (US\$ ppp2005)

Fonte: www.pnud.org.br.

Ao desmembrarmos o IDHM de Montes Claros, fica evidente o cenário favorável do município quando comparado a outros do Norte de Minas. A cidade possui os melhores números quando observamos, separadamente, os indicadores ponderados no IDHM. A esperança de vida ao nascer era de 77,07 anos, o IDHM educação era 0,744 e a renda *per capita* era, em 2010, R\$ 650,62.

A esperança de vida ao nascer reflete as condições de vida de uma população. Em outras palavras, a alta taxa de esperança de vida de Montes Claros traduz boas condições de saúde, instrução da população e saneamento básico adequado. O IDHM educação alto retrata mais escolarização dos cidadãos montesclarenses e a renda *per capita*, apesar de ser ainda baixa quando a comparamos com as outras cidades médias-polo, é a maior do Norte de Minas. Isso se deve à dinâmica econômica da cidade, devido à existência de várias indústrias e de Universidades.

O município contava, em 2010, com várias instituições de ensino superior, incluindo instituições de ensino a distância, privadas, um *campus* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas (IFNMG) e a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), com vários cursos de graduação e pós-graduação lato sensu e stricto sensu em diversas áreas. O município hoje é considerado polo universitário. Atrai migrantes de várias cidades do Brasil, notadamente das circunvizinhas e ainda estrangeiros, através de intercâmbio. Os deslocamentos pendulares¹¹ também são comuns. Diariamente, Montes Claros recebe pessoas de várias cidades da região que estudam nas muitas instituições de ensino superior instaladas na cidade. Corroborando essa ideia, Ricardo, Aleixo e Oliveira afirmam que este fluxo migratório em direção a Montes Claros está relacionado a

[...] um número expressivo de Universidades, faculdades, cursos profissionalizantes, técnicos, cursinhos de pré-vestibular e escolas significativo em relação às outras cidades norte-mineiras. Dentro do contexto de centralidade, Montes Claros é a cidade da região que pelo número e diversidade de serviços prestados no setor educacional, atrai uma população que se direciona dos seus municípios de origem todos os dias para estudar em Montes Claros. (RICARDO; ALEIXO; OLIVEIRA, 2010, p. 06).

Montes Claros também se destaca pela oferta na área da saúde. A cidade conta com uma variedade de especialistas em diferentes áreas, levando os habitantes de cidades circunvizinhas a se deslocarem em busca de atendimento especializado. Há na cidade muitos estabelecimentos de saúde pertencentes à iniciativa privada¹², reforçando a tese de que o capital tende a investir em regiões mais dinâmicas. Porque Montes Claros recebe pessoas de toda a região para consultas, exames e internação, é compreensível que a iniciativa privada invista nesse município. O Estado segue a mesma lógica, haja vista a diferença de estabelecimento público de saúde no

¹¹ Enquanto a migração envolve mudança de residência, os deslocamentos pendulares caracterizam-se por deslocamentos entre o município de residência e outros municípios, com finalidade específica. (MOURA, *et al*, 2005).

¹² Informações obtidas através da observação direta.

município de Montes Claros e nos outros municípios. A cidade já conta com uma infraestrutura que a beneficia em novos investimentos públicos dessa natureza.¹³

Em síntese, o desenvolvimento de Montes Claros é fortemente superior aos demais municípios da região. Em um território historicamente pouco desenvolvido, a cidade concentra boa parte de serviços essenciais, atrai um número considerável de migrantes e seus indicadores são, via de regra, os melhores da região.

EMPRESAS E FORÇA DE TRABALHO

De acordo com Singer (2004), capitalismo é um sistema produtor de desigualdades sociais e regionais na medida em que fortalece a concentração de renda. É da lógica sistêmica que o capitalista tenda a investir onde o fluxo de capital é mais efervescente. Todas as consequências negativas desse processo são ignoradas, em favor das vantagens obtidas. Singer argumenta que

[a]s decisões sobre o desenvolvimento capitalista sempre visam à maximização do retorno sobre o capital investido na atividade econômica. Como essas decisões afetam os trabalhadores, as outras empresas e os consumidores das mercadorias não são levados em consideração. (SINGER, 2004, p. 10).

Os investimentos capitalistas estão dirigidos de forma a considerar fatores como a força de trabalho mais barata (e, ao mesmo tempo, capacitada para muitos serviços), localização privilegiada, recursos disponíveis, isenção fiscal, dentre outros. Esses elementos poderão fortalecer a concentração de capital numa região, em prejuízo de outras. Dessa forma, “a circulação do capital implica também movimento espacial. O dinheiro é reunido em alguma região e levado para um lugar especial para utilizar os recursos de trabalho que vêm de outro lugar.” (HARVEY, 2011, p. 43).

Nessa perspectiva, as relações de produção capitalistas geram uma concentração espacial-geográfica do capital, dos meios de produção e do uso da força de trabalho; esses elementos são reunidos em um determinado local, onde mercadorias são produzidas. A facilidade no acesso a meios de produção, seja

¹³ Essa discussão será aprofundada e embasada com dados no capítulo 4.

máquinas, recursos naturais, ou qualquer outro, a força de trabalho e mercados de consumo reduzem custos na produção e aumento do lucro em locais privilegiados. (HARVEY, 2011).

O fenômeno do rendimento capitalista, a reprodução ampliada de capital, gera a concentração de renda em determinadas regiões do mundo, agravando o problema das desigualdades sociais e regionais. A questão que se coloca então é esboçar a peculiaridade deste sistema, ou seja, o sistema capitalista reproduz inexoravelmente as desigualdades na sociedade ao ter como meta primeira o lucro. Harvey reforça essa ideia ao colocar que

[...] o capital altamente móvel presta muita atenção até mesmo nas pequenas diferenças nos custos locais porque geram lucros mais elevados. O fato de os capitalistas serem atraídos e sobreviverem melhor em locais de lucro máximo muitas vezes leva à concentração de muitas atividades em lugares particulares. (HARVEY, 2011, p. 133).

Apesar da escolha do local ainda ser algo expressivo, ao longo da história do capitalismo não é mais apenas a escolha de um lugar privilegiado que garantirá o domínio de um capitalista sobre o outro, em termos lucrativos. Nesse contexto, na fase atual do capitalismo, há três elementos que influenciam diretamente nos rumos dessa competitividade. O avanço da tecnologia virtual, a modernização da indústria e a ação do Estado neoliberal são determinantes para o domínio do capital privado. O Estado neoliberal abre novos leques de expansão para as empresas, reduzindo tarifas alfandegárias e promovendo incentivos fiscais para instalações de novos complexos de produção. O modelo de Estado neoliberal não foi capaz de minimizar consideravelmente as desigualdades nos países em que se fez presente (HARVEY, 2011). Harvey, então, considera que

[p]odemos reconhecer que na América Latina as conquistas econômicas e políticas foram muito modestas ou, como no caso do México, um verdadeiro fracasso. O êxito monetarista e reorganizador do neoliberalismo não resolveu os graves e cada vez mais intensos problemas econômicos e sociais nesses países. Isto começa a ser reconhecido de maneira relativamente ampla. Um recente artigo do ex-economista e chefe do Banco Mundial para a América Latina, Sebastian Edwards, admite que, em

termos de crescimento e eliminação da pobreza, as reformas neoliberais não conseguiram quase nada. (HARVEY, 2011, p. 45).

Partindo desse balanço, o processo de globalização da produção favoreceu a maximização das desigualdades regionais, mesmo passando uma falsa ideia de homogeneização da produção, o que realmente acontece é o aprofundamento das desigualdades sociais nos países em desenvolvimento gerando, por exemplo, precariedade nos empregos¹⁴.

A elite regional, durante a década de 1950, se esforçou para o Norte de Minas, destacadamente Montes Claros, inserir-se no contexto de desenvolvimento em que vivia o país, mas até então a região não gozava de tal desenvolvimento, como assinala Pereira:

A região Norte do Estado de Minas Gerais esteve à margem do desenvolvimentismo dos anos 50. Os efeitos práticos da intervenção do Estado como promotor da industrialização surgiram na segunda metade da década de 1960, quando foi viabilizada a infraestrutura energética e de transportes e os incentivos fiscais da SUDENE atraíram à região investimentos industriais em volume expressivo. Entretanto, a região não assistiu passivamente ao espetáculo do período (PEREIRA, 2001, p. 02).

As elites regionais destacaram-se nas iniciativas com o objetivo de atrair recursos para o Norte de Minas e, principalmente, Montes Claros. Dentre tais iniciativas, Pereira (2001) chama a atenção para a festa de centenário da cidade em 03 de julho de 1957, na qual várias autoridades foram convidadas para testemunhar a vivacidade da cidade e do povo montesclarenses. A presença especial do então presidente Juscelino Kubitschek foi a grande atração da festividade. O objetivo era conseguir investimentos para a cidade e região, porém como a agropecuária era o carro-chefe da economia regional e os projetos desenvolvimentistas do governo concentravam-se na industrialização, tais esforços não surtiram o efeito desejado. A

¹⁴ Este tema é abordado com mais profundidade na dissertação de mestrado defendida pela autora em 2014. PALES, Raíssa Cota. Desenvolvimento regional e desigualdades sociais entre as macrorregiões de planejamento de minas gerais. Montes Claros - MG Março/2014. Dissertação de mestrado.

transferência de votos para governantes da situação foi outra tentativa de barganhar investimentos.¹⁵

A inserção do Norte de Minas na área de atuação da SUDENE foi a última esperança para alavancar o desenvolvimento da região. Com efeito, durante a década de 1970, período de consolidação dos projetos de desenvolvimento da SUDENE, a região recebeu inúmeros projetos voltados para a agropecuária e a industrialização. As cidades que mais usufruíram da instalação de projetos foram Montes Claros, primeiramente, e Pirapora, devido a uma infraestrutura mais adequada, em detrimento das demais cidades norte-mineiras. De acordo com Oliveira (2000), até 1979 Montes Claros havia sido contemplada com 54,8% dos projetos destinados ao Norte de Minas e Pirapora 25,8%. Ou seja, mais de 80% dos projetos foram destinados a essas duas cidades.

A partir de então, a migração para Montes Claros aumentou significativamente, tanto de pessoas vindas da área rural da cidade quanto de pessoas de outras cidades norte-mineiras e até mesmo de outras regiões entrando, assim na onda de transformação em andamento no Brasil.

Tabela 18 – População de Montes Claros nas décadas de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000

População	1950	%	1960	%	1970	%	1980	%	1990	%	2000	%
População rural	51.365	72	90837	69	29.600	25	22.095	12	30.969	11	17.764	06
População urbana	20.370	28	40.500	31	86.886	75	155.463	88	250.573	89	289.183	94
Total	71.735	100	131.337	100	116.486	100	177.558	100	281.542	100	306.947	100

Fonte: IBGE, s. d.

Os efeitos dos projetos da SUDENE são visíveis quando comparamos os dados da década de 1960, 1970 e 1980. Em 1960, a população de Montes Claros, ainda que tenha quase dobrado em relação a 1950, era predominantemente rural. Em 1970, quando as indústrias começaram a entrar em funcionamento, este cenário inverteu-se;

¹⁵ Foram usadas estratégias típicas do coronelismo: “poder econômico, tradição e carisma dos coronéis, política assistencialista, violência, fraude e propaganda ideológica pela imprensa” (PEREIRA, 2001, p. 2).

a população montes-clarense que, na década anterior, era predominantemente rural, agora se concentrava em maior quantidade na área urbana. Após a consolidação dos projetos da SUDENE, na década de 1980, é visível o aumento da população em geral, principalmente na área urbana. Pode-se observar um crescimento vertiginoso da população do município entre as décadas de 1980 e 2000, sempre com o aumento da população urbana.

Apesar de os projetos da SUDENE contemplarem a indústria e a agropecuária, foi na indústria que a maioria dos projetos se concentrou. Pessoas da área rural e de cidades vizinhas migraram para Montes Claros na esperança de conseguir um emprego. De acordo com a Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral de Minas Gerais, “o total de empregos criados com que as empresas trabalharam foram em 1978, 4.476 (41%), em 1979, 5.022 (47%), 1980, 5.647 (52%), 1981, 4.474 (41%) e 1982 = 4.426 (40%)”.

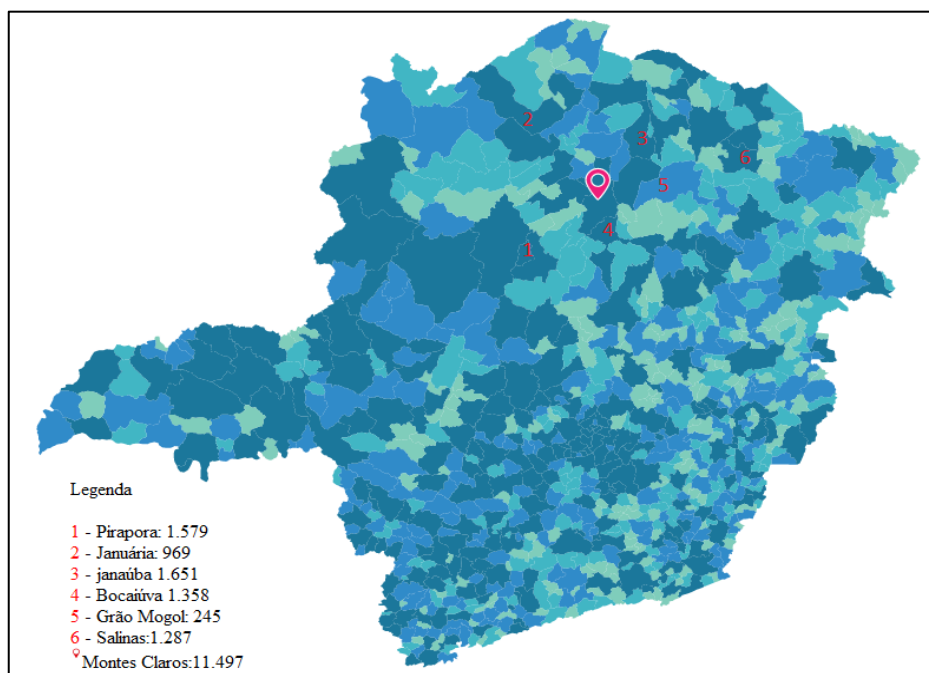
Ainda hoje, Montes Claros se destaca no Norte de Minas por possuir inúmeras indústrias nos mais variados segmentos. Há na cidade indústrias de alimentos, biotecnologia, construção civil, logística, madeira/móveis, metalurgia, têxtil, dentre outros, sem contar o comércio, com mais de seis mil estabelecimentos¹⁶. O setor de serviços emprega profissionais de diversas áreas.

Apesar de algumas cidades da região norte receberem, frequentemente, grandes empresas, a diferença de estrutura das cidades de pequeno porte em relação a Montes Claros é gritante. Enquanto em Montes Claros havia, em 2017, 11.497 empresas atuantes, esse número nas cidades mais expressivas da região não chegava a duas mil. Pirapora e Janaúba são as cidades de pequeno porte do Norte de Minas com o maior número de empresas atuantes, porém bem menor se compararmos com Montes Claros. Pirapora possuía, em 2017, 1579 empresas atuantes e Janaúba 1651. Em seguida, com um número razoável, há Bocaiúva e Salinas com, respectivamente, 1358 e 1287 empresas atuantes.

Seguramente, esse cenário contribui, fortemente, para as frequentes migrações que ocorrem em direção à cidade de Montes Claros. Pessoas em busca de trabalho no setor público e privado se deslocam definitivamente, de forma temporária ou pendular para a cidade.

¹⁶ Dados de 2009 do MTE – CAGED.

Figura 10 – Número de empresas atuantes em municípios selecionados do Norte de Minas, em 2017



Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

Montes Claros não se destaca apenas no Norte de Minas, mas no estado de Minas Gerais. No ranking das cidades com maiores unidades de empresas atuantes, ocupa a 5ª posição, perdendo apenas para a capital do estado, Belo Horizonte, Contagem (cidade industrial situada na região metropolitana), Uberlândia e Juiz de Fora. Nesse ranking, as três cidades médias do estado estão entre as cinco com mais unidades. Todo o desenho que começou a se delinear na década de 1970 com o II PND fez com que essas cidades ampliassem ainda mais seu potencial econômico resultando no perfil que têm hoje. Os investimentos realizados nesse período geraram um ciclo vicioso em que, cada vez mais, essas cidades conseguem atrair indústrias de grande e médio porte. O mesmo acontece com o comércio e o setor de serviços, em que a demanda gera cada vez mais oferta e essa, por sua vez, mais demanda.

Quadro 5 – Ranking das cinco cidades com os maiores números de empresas atuantes em Minas Gerais, 2017

1º	Belo Horizonte	106239
2º	Uberlândia	26280
3º	Juiz de Fora	19930
4º	Contagem	16568
5º	Montes Claros	11497

Fonte: IBGE. Cadastro Central de Empresas 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

Esse ciclo constante de investimentos que se perpetua, além de ter como reflexo a atração recorrente de indústrias, gera outro fator positivo e provoca mais consequências econômicas: a atração de pessoas para ocuparem os postos de trabalho disponíveis que, por sua vez, irão consumir bens duráveis e não duráveis da cidade, agregando ainda mais para a economia da cidade.

Em Montes Claros há um grande número de indústrias. No quadro 6 estão apresentadas as principais; dentre elas destacamos aquelas de expressiva amplitude nacional e internacional, como a Nestlé, a Novo Nordisk, a Vallée e a Skol. A Novo Nordisk, a título de exemplo, é uma das principais fabricantes de insulina do mundo; original da Dinamarca, tem em Montes Claros a maior fábrica fora do país de origem e é maior indústria do ramo na América Latina, empregando mais de 1000 funcionários e é referência mundial em performance.

Quadro 6 – Principais segmentos industriais – 2012

Alimentos	<ul style="list-style-type: none">• Cardoso & Nascimento – Café Letícia: café torrado e moído, capuccinos e cafés com leite.• Cooperativa Grande Sertão: fabricação de produtos alimentícios – polpas de frutas.• Comercial Comar Ltda: fabricação de biscoitos.• Corby Comércio e Indústria de Bebidas Ltda: produção de bebidas.• Indústria e Comércio Bibi Ltda: fabricação de produtos alimentícios (salgadinhos e pipoca doce).• Nestlé: a empresa possui 26 unidades industriais no Brasil sendo 5 em Minas Gerais (Uberlândia, São Lourenço, Ibiá, Ituiutaba e Montes Claros). Sua unidade de produção de leite condensado, instalada em Montes Claros, se constitui na maior
-----------	---

	<p>fábrica do gênero no Mundo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pandy Indústrias Alimentícias Ltda: produtora de batata frita. • Somai Nordeste S/A: granja avícola com produção de ovos.
Biotecnologia:	<ul style="list-style-type: none"> • Novo Nordisk: indústria farmacêutica. • Vallée S/A: no ramo farmacêutico, a unidade de Montes Claros, fundada em 1978, dedica-se à produção de artigos veterinários (vacinas, antiparasitários, etc.).
Construção Civil	<ul style="list-style-type: none"> • Antares Premoldados Ltda: fabricação de pré-moldados. • Construtora Novais Ltda: construção e pavimentos. • Indumetal: fabricante de estruturas metálicas, caixas d'água e similares para os mais variados segmentos da indústria, comércio e agronegócio regional. • Lafarge Concreto S/A: indústria líder mundial em materiais de construção. • Pavisan: indústria asfáltica.
Logística	<ul style="list-style-type: none"> • Atende Logística Ltda: comércio atacadista. • Distrinorte: distribuição de produtos alimentícios. • Distribuidora Xodó: distribuição de produtos alimentícios (doces). • Lima e Moraes Transportes e Armazenagem Ltda: transportes diversos. • Mercolub Petróleo Ltda: comércio atacadista de combustíveis e lubrificantes. • Rodoviário Líder Ltda: transportes. • Skol Distribuidora de Bebidas: distribuição de bebidas (cervejas e refrigerantes). • Tequimar: serviços de armazenagem. • Transmoc Transporte e Turismo Montes Claros Ltda: serviços de transporte coletivo.
Madeira / móveis	<ul style="list-style-type: none"> • Minaspuma Indústria de Colchões Ltda: fabricação de espumas, colchões, estofados e acessórios para o sono. • Expansão Indústria e Comércio Ltda: desdobramento de madeira (madeira serrada e pré-cortada). • Florestal Vale do Jequitinhonha Ltda • Florevale: fabricante de portas de madeiras com projeto de geração de 200 novos postos de trabalho e atendimento ao mercado do Norte de Minas e Nordeste brasileiro; recebeu investimentos da ordem de US\$ 5 milhões. • Mourões Touro: produção de madeira tratada de eucalipto para diversos fins. • Refloralje Reflorestamento e Agropecuária Ltda: produção de madeira tratada de eucalipto e atividades de reflorestamento. • W. C. W. Móveis Decorativos: fabricação de móveis sob encomenda, industriais, comerciais e residenciais.
Metalurgia	<ul style="list-style-type: none"> • Elster Medição de Água S. A.: empresa líder, fabricante de produtos avançados e soluções de medição inteligente. • Reboques Triunfo: indústria metalúrgica (carretas agrícolas,

	carrinho-de-mão e carrinho-de-lixo). <ul style="list-style-type: none">• Suporte Engenharia: montagens mecânicas industriais.• Usinagem Santa Luzia: indústria metalúrgica (trefilados em ferro e aço).
Têxtil	<ul style="list-style-type: none">• Cia. de Tecidos Norte de Minas – Coteminas S. A.• Cia. de Tecidos Santanense.
Outros	<ul style="list-style-type: none">• Funcional Lavanderia e Higienização de Roupas Ltda: serviços de lavanderia.• Hartmann Embalagens Montes Claros Ltda: produção de embalagens de fibra moldada.• Plásticos Vzp: indústria de embalagens plásticas.• Reciplast: Reciclagem – granulado recuperado.• T & D Indústria e Comércio Ltda: produção de material de limpeza.• White Martins Gases Industriais Ltda: comércio de gases medicinais.

Fonte: Associação Comercial Industrial e de Serviços de Montes Claros (ACI), em parceria com a Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).¹⁷

De acordo com notícia do jornal *O Tempo*, Montes Claros ficou entre os cinco municípios mineiros que mais abriram empresas no estado. Nos quatro primeiros meses de 2019 foram 396 novos empreendimentos. O secretário de Desenvolvimento Econômico da cidade afirmou que, dentre outros fatores, os incentivos fiscais federais da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene)¹⁸ foram essenciais para despertar o interesse dos investidores.¹⁹

O resultado de tais incentivos reflete na soma de todos os bens e serviços finais produzidos em Montes Claros. Vale ressaltar que o valor do PIB abarca, além da indústria, o setor de serviços, agropecuária e administração, defesa, educação, saúde pública e seguridade social. O valor do PIB de Montes Claros é o maior dentre todos os municípios norte-mineiros. Mesmo quando comparado ao valor do PIB de Pirapora, segunda cidade com maior valor do PIB do Território Norte, ainda é, notadamente, mais alto. Enquanto o valor do PIB de Montes Claros ultrapassa 8 bilhões, o de Pirapora não chega a 2 bilhões. O valor do PIB de Janaúba, ocupante da 3ª posição,

¹⁷ Disponível em: www.acimoc.com.br.

¹⁸ Os incentivos fiscais da SUDENE tratam de: redução de 75% do imposto de renda, durante 10 anos, redução de 37,5% do imposto de renda, após o prazo de 10 anos e reinvestimento de 30% do imposto de renda.

¹⁹ Informações disponíveis em: <https://www.otempo.com.br/economia/localizacao-beneficia-montes-claros-em-numero-de-empresas-abertas-1.2189445>.

era, em 2016, pouco mais de 1 bilhão. E o valor do PIB das demais cidades não chega a 1 bilhão.

Tabela 19: Maiores Produto Interno Bruto a preços correntes (Mil Reais), em 2016

Município	PIB	PIB <i>per capita</i>
Montes Claros	8.739.987	21.943,89
Pirapora	1.685.606	29.847,47
Janaúba	1.025.551	14.387,85
Januária	635.194	9.283,74
Grão Mogol	278.094	17.523,26
Salinas	545.536	13.147,34
Bocaiúva	728.701	14.605,86

Fonte: IBGE, s. d.

Ainda que o valor do PIB leve em consideração no seu cálculo outros ramos de atividade, o setor da indústria tem grande influência no valor expressivo do PIB de Montes Claros. O setor de serviços domina a economia de Montes Claros, o que é comum em praticamente todos os municípios do norte de Minas Gerais. Salvo essa ressalva, a indústria tem grande participação no PIB, seguida do setor da administração e, por fim, da agropecuária. A participação da indústria no PIB é de 18% (2018).

Em face dessa realidade, percebe-se o grande poder econômico da cidade de Montes Claros. Como temos enfatizado no decorrer do trabalho, é esperada essa diferença de desempenho entre as cidades médias e as cidades de pequeno porte; contudo, o que nos importa é a intensidade dessa discrepância, muito bem traduzida no cenário norte-mineiro. Nessa região, mesmo quando comparamos com as demais regiões aqui analisadas, o desempenho de Montes Claros se destaca, com grande expressividade, face às outras cidades que compõem a região.

A questão do trabalho, na nossa sociedade, tem papel extremamente relevante. O trabalho assalariado, após a revolução industrial, passou a ser condição *sine qua non* do sistema capitalista, em que os indivíduos são forçados a trocar sua força de trabalho para suprir suas necessidades cotidianas. Portanto, essa

desigualdade de capacidade empregatícia gera uma dependência muito grande e, por consequência, migrações constantes para a cidade de Montes Claros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados do século XX, as cidades médias europeias representaram uma alternativa para a desconcentração da atividade produtiva e um caminho viável para solucionar os graves problemas que os grandes centros enfrentavam naquele momento. Essa concepção chegou na América Latina. Na década de 1970, escolhas políticas feitas no Brasil enveredaram para o fortalecimento ainda maior das cidades médias no cenário regional. Todo o arranjo foi reforçado na década de 1990 e algumas cidades médias brasileiras se tornaram polos regionais e receptoras de investimentos federais.

Em relação a Montes Claros, a chegada da ferrovia foi um marco em seu desenvolvimento. Mudou de forma expressiva a infraestrutura da cidade e o cenário político e econômico. Ainda assim, por muito tempo, Montes Claros conviveu com sua realidade agrária e com o intenso fluxo de pessoas, devido a sua localização privilegiada. Esse contexto agrário começou a mudar de forma mais expressiva a partir da década de 1970, com os incentivos da SUDENE na área industrial. A SUDENE, ainda que sua proposta seja investir em áreas historicamente menos desenvolvidas, replicou a lógica capitalista, investiu de forma mais vigorosa, no caso do Norte de Minas, em cidades que já possuíam infraestrutura adequada. Nesse contexto, Montes Claros foi a grande privilegiada, concentrando mais da metade dos projetos da SUDENE, a maioria voltados para a indústria.

Os indicadores de Montes Claros são os melhores da região. Não é fútil reafirmar que o esforço em desconcentrar a atividade produtiva das grandes metrópoles via cidades médias foi louvável. Contudo, com a reconcentração nas cidades médias, alguns problemas ainda persistem. O caso do Norte de Minas evidencia esse fato com mais clareza. A diferença de infraestrutura entre Montes Claros (cidade média-polo) e as demais cidades de pequeno porte da região é extremamente acentuada. Enquanto a cidade média-polo da região atraiu para si

grande parte dos investimentos, nem mesmo as cidades que desempenham o papel de polo microrregional possuem uma infraestrutura desejável.

Pode-se afirmar que, em razão do cenário vigente hoje ser reflexo de decisões políticas, o desafio para diminuir o fosso existente entre as cidades médias-polo e as cidades de pequeno porte depende da atuação do Estado na formulação de políticas públicas. Nesse sentido, é importante frisar que não se espera a completa igualdade entre as cidades, mas que, guardadas as devidas proporções, a infraestrutura econômica fosse mais significativa, garantindo a reprodução material e social dos habitantes dessas cidades.

É imprescindível colocar na agenda um planejamento integrado regionalmente. A ausência de uma estratégia como esta, que também atue contra a excessiva concentração de recursos nas cidades médias-polo, está condenando à permanência na situação atual de quem já está em posição desfavorável.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; RIGOTTI, Rangel Irineu. Os Limiares Demográficos na Caracterização das Cidades Médias. In: Rede brasileira de Estudo sobre Cidades Médias: Uma abordagem multidisciplinar, 2002. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/os%20limiares%20demogr%C3%A1ficos%20na%20caracteriza%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 20 set. 2014.

DULCI, Otavio S. Política e Recuperação Econômica em Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

FIGUEIREDO, Vítor Fonseca. Coronelismo, ferrovia e modernização das relações urbanas: Montes Claros/MG na Primeira República (1889-1930). ANAIS DO XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. 2014. Disponível em: www.encontro2014.mg.anpuh.org. Acesso em: 09 dez. 2018.

HARVEY, David. O enigma do capital. São Paulo: Bomtempo, 2011.

HIRSCHMAN, Albert O. Estratégia do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Fundo Universal de Cultura, 1961.

MOURA *et al.* Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. São Paulo: Perspectiva, São Paulo, vol. 19, nº 4, Oct./Dec. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000400008. Acesso em: 04 abr. 2019.

MOURA, Eliseu Ribeiro; MONOLESKO, Friedhilde M. K. Sudene, a atuação do estado na desconcentração industrial – o caso de Montes Claros. VII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E IV ENCONTRO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO. Universidade do Vale do Paraíba, 2004. Disponível em: http://cronos.univap.br/cd/INIC_2004/trabalhos/epg/pdf/EPG6-4.pdf. Acesso em: 13 mar. 2019.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. O processo de formação de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene (Org.). Formação social e econômica do Norte de Minas. Montes Claros: Editora Unimontes, 2000, s. p.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. O processo de formação de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene (Org.). Formação social e econômica do Norte de Minas. Montes Claros: Editora Unimontes, 2000, s. p.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de; *et al.* A região Mineira do Nordeste. XVIII ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. Rio de Janeiro. 2006.

PEREIRA, Anete. Cidade média e região: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. (2008). Tese (Doutorado). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em: <http://clyde.dr.ufu.br/bitstream/123456789/15921/1/Anete.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

PEREIRA, Fabiano Maia; LEMOS, Mauro Borges. Políticas de desenvolvimento para cidades médias mineiras. In: Cadernos BDMG. 2004.

PEREIRA, L. M. Montes Claros anos 50: entre a esperança e a frustração Unimontes Científica. Montes Claros, v. 1, nº 1, mar. 2001. Disponível em: <http://ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/viewFile/10/7>. Acesso em: 05 nov. 2019.

RELATÓRIO DE PESQUISA. O lugar das políticas sociais: o nível municipal, articulação interníveis e capacidade de inovação em municípios selecionados de Minas Gerais e São Paulo, 2016.

RICARDO, Claudinei dos Santos; ALEIXO, Aline Chelone Maia; OLIVEIRA, Ricardo dos Santos. Movimento pendular em cidades médias: a centralidade de Montes Claros no Norte de Minas a partir da infraestrutura de transportes. ANAIS DO XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Porto Alegre, 2010.

SERRA, Rodrigo Valente. Desconcentração urbana e oportunidades de trabalho: um estudo da integração dos imigrantes no mercado de trabalho das cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras. In: Rede brasileira de Estudo sobre Cidades Médias: uma abordagem multidisciplinar, 1999. Disponível em: <http://redbcm.com.br/>. Acesso em: 20 set. 2014.

SINDEAUX, Roney Versiani; FERREIRA, Cândido Guerra. Industrialização e trabalho na indústria no Norte de Minas: origens, Sudene e reflexões sobre o perfil recente dos trabalhadores formais ocupados. 2012. Disponível em: https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2012/industrializacao_e_trabalho_na_industria_no_norte_de_minas.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.

SINGER, P. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. Estud. avanç., São Paulo, v. 18, nº 51, May/Aug. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200001. Acesso em: 12 mai. 2020.

STEINBERGER, Marília; BRUNA, Gilda Collet. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ANDRADE, Thompson Almeida & SERRA, Rodrigo Valente (Org.). Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 35-77.

Disponível em:
www.repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3081/5/cap_2_cidademedias.pdf.
Acesso em: 03 out. 2014

TELLES, Selva de Sousa Lima. (2006). Velhos atores, novas práticas: desenvolvimento tecnológico e modernização conservadora no norte de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento social). Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de pós-graduação em Desenvolvimento social, – Montes Claros, 2006.